

E afinal não morreu!

Quando me chega o momento do tédio, geralmente ao fim do dia, e não sei que mais fazer, procuro um refúgio, em casa dalgum amigo. E que fazemos lá? E que podia ser? Fazemos sociedades por quotas ou anónimas, exageramos o nosso empenho pessoal de patriotas e cidadãos anónimos, fazemos as nossas remodelações governamentais e realizamos os futuros casamentos dos nossos filhos, digo, fidalgos. E depois? Quando já de nobre tudo feito, e naturalmente exausto, digo adeus aos meninos do meu amigo e vou... pela 24 de Julho fora, como um bom cruzado...

Ali em frente da Escola Industrial, bem pertinho da FNAC, impossível não entender que é preciso parar e pensar de novo se a hora é de ir para casa dormir ou de iniciar uma aventura. Sim. Como D. Quixote. Claro que o mais certo é mesmo parar e iniciar a aventura. Nesse dia descobri que na 24 de Julho, ali onde fica a FNAC, estava a desenhar-se uma nova face africana!

Então parei mesmo. E elas vieram. As minhas irmãs.

— Boa noite.

— Boa noite, respondi prontamente.

— São sete contos e quinhentos.

— Sete contos e quinhentos?

— São sete contos e quinhentos, mas é com tudo.

— Tudo?

— Sim, tudo. Isto é, como quiseres. Se não sabes, nós sabemos o caminho.

Eu pensava que estava a entender. E é verdade porque era assim também no Moulin Rouge. Fiz-me machão e, disse, vamos.

— Sozinho ou também a minha prima?

— A tua prima, também, claro, respondi.

— Então são quinze contos.

— Quinze???

— Claro, somos duas e... você vai gostar de nós.

— OK., anu.

No meu Mitsubishi MLT de vidros escuros e verde metalizado, partimos a toda a velocidade para a cruzada do infinito.

Entretanto, Joana não se cansava de repetir o seu «só mais uma vez» que a Quicas acompanhava com a sua voz rota de Palmar e Castle. A Necas, que estava mesmo ao meu lado, impávida e serena, cheirando a madamme Roché, olhava para os transeuntes com a altivez que a sua classe exigia, naquele Mitsubishi.

— Que fazemos bonecas?

— É melhor agarrarmos umas ampo'as ali no Macaneta e depois... vamos à minha casa ouvir música, sugeriu segura de si, a encantadora Necas.

Assim partimos com a nossa quarta companhia, a Joana, insistindo sempre em só mais uma vez. Rapidamente comprámos dez cervejas Castle e rumámos ao palácio da Necas, que fica mesmo a meia milha da sede do Grupo Dinamizador do Bairro do Chamanculo. Entrámos e tomámos lugares, à vontade, numa pequena sala. A avó da Necas veio cumprimentar-me e disse que estava cansada e queria dormir. Entrementes bebeu uma Castle. Pareceu-me que era costume a avó aprovar as visitas.

Era o meu dia «D». De relevo, só me perguntou de que província era.

— Gente de Niassa é boa gente. Só de Quelimane é que são ma-landros. Fica meu filho, e diverte com as minhas netas, não há problema. Aqui não entra ninguém. Nem Grupo Dinamizador, nem miliciano, nem grupo de vigilância, nem o quê — rematou aquela avó mulata, visivelmente satisfeita com a companhia que eu ia fazer às netas.

Castle após castle fomos, falando de coisas várias, ouvindo música, trocando anedotas e passos de vez em quando. Para me deixarem ainda mais à vontade e também para que eu fosse descansando a vista sobre os seus voluptuosos corpos, tiraram os seus trajes de gala (porque só assim se podia estar na 24 de Julho, ali perto da FNAC, depois das cinco e meia da tarde) e vestiram-se de camisas de noite, naquela hora de lobo. A Necas lilás e a Quicas amarela. Descaças, como Vénus.

Quase uma hora depois, eu disse que me ia embora e sugeri que nos encontrássemos no dia seguinte às 18 horas, naquele mesmo local.

— Já? Ainda nem fizemos nada! — retorquiu Quicas.

Eu disse que não se preocupassem, que no dia seguinte podíamos fazer alguma coisa. A Necas, aquela bonita rapariga de olhos de bribo de olhos de gato, levantou-se de repente e tudo o que de meigo tinha se desvaneceu e transformou, em violência de tigre.

— É isso Quicas. Eu disse-te que este é preto antes de entrarmos no carro dele. E tu disseste vamos. Agora está a ver como os pretos não têm pena como os brancos. Se fosse um branco, agora estaríamos numa boa e amanhã tínhamos «autenticais» para ir à FNAC e comprar boas coisas. Estou farta de aturar pretos. Se pensas que temos SIDA estás enganado. Até temos aqui camisinhas para matrecos como tu. Sai daqui e vai-te embora já daqui.

Ainda mal recomposto da ameaça, tentei balbuciar algumas palavras de reconciliação, mas desta vez gritaram em coro:

— Sai daqui seu porco; és um preto sem pa'avra e aquele Mitsubishi roubaste na Swazi e andas aqui armado em bom. Sai, sai, sai...

Ainda mal tinha a cabeça fora e a porta cinzenta feita de caixotes de madeira entalou o meu pé fugitivo. Tentei em vão puxá-lo, mas desta vez o meu sapato D. Martinelli ficou por lá. Quando tentei solícitamente suplicar o meu sapato das farras no Búzio, senti uma tremenda dor penetrar-me nas costas, e uma vez mais, veio aquele coro que parecia um verdadeiro pesadelo:

— Vai e leva a porcaria do teu sapato e não voltes mais a chatear-nos.

Não sei exactamente como descobri o caminho para sair daquele beco e a todo o vapor. Mas ainda me recordo que voltei a ouvir Joana a insistir em só mais uma vez sem ter havido a primeira. E fiquei a saber de vez que a Rua Araújo fica agora na 24 de Julho, ali onde fica a FNAC.

CARLOS D'ESPIGNEY